

A NATUREZA DA AMIZADE À LUZ DA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER.

Paulo Jordão



Arthur Schopenhauer, 1855 (foto)

O presente artigo realizará um estudo acerca da definição e do conceito apresentado por Schopenhauer no que se refere à amizade verdadeira ou genuína, em oposição aos de Aristóteles e Montaigne. O artigo buscará, por meio da análise dos referenciais teóricos, responder às seguintes questões: qual a natureza da amizade? O que geram os laços de amizade? Existe e qual é a verdadeira e genuína amizade?

Primeiramente, serão apresentadas as teorias de Schopenhauer, posteriormente, as de Aristóteles e de Montaigne. Ao final, buscar-se-á estabelecer a comparação dos conceitos apresentados por estes pensadores.

A amizade está definida no Dicionário Aurélio como: “s.f. Afeição, estima, dedicação recíproca [...] laços de amizade / Amor / Acordo: tratado de amizade / Benevolência, favor, serviço: provas de amizade / Simpatia de certos animais pelo homem: a amizade do cão pelo dono”.

No dicionário filosofia é possível encontrar a seguinte definição:

[...] a comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por atitudes concordantes e por afetos positivos. Os antigos tiveram [...] um conceito muito mais amplo do que o admitido e usado hoje em dia, como se infere da análise que Aristóteles fez dela nos livros VIII e IX da Ética a Nicômaco. Segundo Aristóteles, a amizade é uma virtude ou está estreitamente unida à virtude: de qualquer forma, é o que há de mais necessário à vida, já que os bens que a vida oferece, como riqueza, poder, etc, não podem ser conservados nem usados sem os amigos [...]

O dicionário de Filosofia também define amizade oposta: “esse termo é usado especialmente em psicologia, para indicar certas situações emotivas que implicam amor e ódio, e em geral atitudes opostas em face do mesmo objeto”.

O conceito de amizade é amplo até mesmo em sua definição nos dicionários, pois envolve amor, ódio, benevolência, interesse/favor, um acordo, etc. O que traz à tona a seguinte pergunta: qual a natureza da amizade? A resposta não é possível de se dar de maneira categórica, pois existem inúmeros conceitos acerca da amizade. A seguir será apresentado um estudo comparativo sobre as ideias de realizado por Schopenhauer com as de Aristóteles e Montaigne.

A amizade segundo Schopenhauer

Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão do século XIX. Seu pensamento sobre o amor e amizade é caracterizado por não se compatibilizar com nenhum dos grandes sistemas in voga na época. Nasceu em 22 de fevereiro de 1788, em Dantzig (Prússia). Em 1809 cursou a faculdade de medicina de Gottigen, tendo como professor Schulze, que o incentivou a estudar Platão e Kant. Em 1811, na Universidade de Berlim, assistiu cursos ministrados por Schleiermacher e Fichte. Doutrinou-se pela Universidade de Berlim com tese intitulada *Quadrupla Raiz do Princípio da Razão Suficiente*. Em 1820 passou a ministrar aulas na Universidade de Berlim, quando entrou em conflito com Hegel, disputando com ele a presença de alunos em seus cursos, Schopenhauer acabou renunciando às aulas por ficar com apenas quatro ouvintes em sua sala. Apresentou crises depressivas após o ano de 1821, época em que produz a obra *O mundo como vontade e representação*, pela qual recebeu algum reconhecimento. Viveu uma vida muito solitária, preferindo a companhia de animais a outros seres humanos. Nos últimos anos de sua vida, quando a filosofia de Hegel perdeu força na Alemanha, a filosofia de Schopenhauer obteve reconhecimento do público, influenciando pensadores como Horkheimer, Wittgenstein, Tolstói, Zola, Anatole France, Kafka e Thomas

Mann. Faleceu em 1860, em razão de pneumonia (L&PM Editores: 2013, online).

Para Schopenhauer, a função da filosofia é decifrar o enigma do mundo, descobrir a verdade e apresentá-la conceitualmente. Neste artigo buscar-se-á trazer à baila qual o conceito sobre a verdade da amizade segundo o pensador.

Numa visão pessimista, para Schopenhauer a vida é sofrimento. O homem busca a libertação do sofrimento, em razão da incompreensão de que o faz sofrer, sofrimento é próprio do ser humano. O ser humano luta incessantemente contra a necessidade e a privação e “quando essa luta cessa, suas forças sem emprego se transformam em um fardo, e então precisa jogar com elas, isto é, usá-las sem qualquer objetivo, pois, do contrário, expõe-se à outra fonte de sofrimento humano, o tédio” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 140). Ao se alcançar uma necessidade, a angústia que acompanhava o desejo de atender tal necessidade é sanada, todavia, da mesma forma surge uma nova angústia e o tédio. E é sobre este aspecto que Schopenhauer fundamenta suas ponderações acerca do sentimento da amizade.

Schopenhauer não defende a amizade como benéfica ao ser humano, pois para ele os homens apenas se socializam em razão da incapacidade de suportar a solidão e a sua própria companhia. É o vazio interior e o tédio que levam aos homens a cultivarem, vulgarmente, os laços da amizade (SCHOPENHAUER: 2002, p. 163).

O que acontece, na realidade, é negação da amizade, pois ela nasce de uma insatisfação e do sofrimento. A amizade verdadeira não existe, mas como o contato com os homens é inevitável; é sábio, segundo Schopenhauer, restringir ao máximo possível da intimidade com os demais, sendo esta uma atitude sábia para preservar ou ampliar a própria liberdade (SCHOPENHAUER: 2002, p. 164-5).

Para o pensador, como é impossível não interagir com os demais, é preciso atentar-se ao fato de que se fortalece a amizade ao dar demonstração de que inexistem dependências. Nas palavras de Schopenhauer é possível perceber que, para ele, o sábio é evitar o sentimento da amizade, incentivando o isolamento e a solidão:

[...] quanto menos um homem for levado, devido a condições objetivas ou subjetivas, a entrar em contato com outros, melhor se encontrará. O isolamento e a solidão têm seus males, mas, apesar de não podemos senti-los de uma só vez, ao menos podemos investigá-los. A sociedade, pelo contrário, é insidiosa; oculta males imensos, às vezes irreparáveis, detrás de uma aparência de passatempos, de conversas, de entretenimentos sociais e outras coisas semelhantes. [...] Ademais, quanto mais o homem tem em si, menos podem servir-lhe os demais. Esse sentimento de auto-suficiência é o que impede o homem de valor e mérito intrínsecos de realizar os consideráveis sacrifícios exigidos pela vida em comum, ainda mais de buscá-la à custa de uma evidente abnegação de si mesmo (SCHOPENHAUER: 2002, p. 164-6).

[Revista Pandora Brasil - Nº 54 Maio de 2013](#)

[ISSN 2175-3318 - "Amizade 2"](#)

O egoísmo ilimitado da natureza humana se contrapõe à verdadeira amizade que pressupõe desinteressada em ser recompensada. Por isso, a amizade é uma “mera fábula” ou “como as serpentes marinhas gigantes” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 166). Desta forma, a amizade deve ser evitada, pois a própria natureza humana egoísta, impede que a amizade seja genuína, o que resta é uma falsa amizade, existindo apenas demonstrações exteriores como suposta amizade autêntica (falsidade), por isso Schopenhauer prefere “os abanos de cauda de um cão leal do que a cem daquelas demonstrações e gestos” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 169).

Na perspectiva do pensador, o mundo é hipócrita e “as magnificências são, como decorações de teatro, puras aparências, e falta a própria essência da coisa” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 169), e não é nesta alegoria falsa que se encontra felicidade ou a amizade, não passa de ilusão só há compulsão, dor e tédio. Em suas palavras:

A sociedade, os círculos, os salões, o que se chama alta sociedade, é uma peça miserável, uma ópera ruim, sem interesse, que se sustenta somente pelas máquinas, pelos trajes e as decorações. [...] Assim, quase todas as coisas deste mundo podem ser chamadas nozes vazias; a noz é rara por si mesma, e ainda mais raro é encontrá-la dentro da casca. Temos de buscá-la em outros lugares; normalmente só a encontramos por acaso (SCHOPENHAUER: 2002, p. 150).

A amizade não é possível, pois o homem só preza honestamente pelo seu próprio bem-estar; por isso que o pensador exorta a juventude a aprender a suportar a solidão, que é a fonte de felicidade e de paz de espírito. Deve-se buscar a auto-suficiência, pois “aquele que leva a melhor parte é o que só conta consigo mesmo e que pode ser si mesmo no todo [...] quanto mais o homem tem em si, menos podem servir-lhe os demais” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 170). Para o auto resignar-se à reflexão sobre o eu, uma reflexão introspectiva é o que pode existir de mais benéfico e sábio ao homem:

Esse sentimento de autossuficiência [...] uma evidente abnegação de si mesmo. É o sentimento oposto que torna os homens vulgares tão sociáveis e tão acomodados; visto que é mais fácil suportarem os demais que a si mesmos. Além disso, devemos lembrar que, neste mundo, aquilo que tem valor real não é apreciado e o que se aprecia não tem valor. Encontramos a prova e o resultado disso na vida retirada de qualquer homem de mérito e distinção. Portanto, demonstrará verdadeira sabedoria de vida aquele que, possuindo algum valor em si mesmo, restringe, se for preciso, as suas necessidades a fim de preservar ou ampliar sua liberdade e, assim, guarda-se o máximo possível da intimidade com os demais, visto que o contato com os homens é inevitável (SCHOPENHAUER: 2002, p. 170).

Formatado: Citação, Justificado

A verdadeira amizade, segundo Schopenhauer, pressupõe “uma participação enérgica, puramente objetiva e completamente desinteressada na felicidade e na tristeza do outro, e isso supõe, por sua vez, uma verdadeira identificação entre o eu e o objeto da amizade” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 178). O egoísmo da natureza humana é totalmente oposto ao sentimento da amizade verdadeira.

Schopenhauer defende isolamento, afirmando que aqueles que desde cedo desenvolvem amizade ou afeto pela solidão são pessoas singulares. A solidão seria o estado natural primitivo de todos os indivíduos, e somente nela se dá importância exclusiva ao introspectivo e intrínseco da individualidade.

A solidão deve nascer como um resultado da experiência e da reflexão; “se produzirá sempre em relação com o desenvolvimento da força intelectual própria e em proporção ao avanço da idade” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 175). A inclinação ao retiro e à solidão está diretamente relacionada ao seu valor intelectual e “é somente o efeito da experiência adquirida e da reflexão a esse respeito, especialmente da compreensão da natureza miserável, tanto moral como intelectual, da grande maioria dos homens” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 176). O filósofo declara expressamente que no mundo existem coisas más, mas a sociedade é a pior delas.

A filosofia de Schopenhauer seria, em certa medida, um pessimismo radical. Para ele não existe a apreensão da amizade virtuosa, restando apenas negação da vontade de vida. Diferente da visão de Aristóteles e de Montaigne sobre o assunto, que percebem a possibilidade da amizade genuína, inclusive como virtude do homem bom.

A Amizade em Aristóteles e Montaigne

O filósofo grego Aristóteles (384 - 322 a.C.) nasceu em Estágira, colônia de origem jônica encravada no reino da Macedônia. Seu pai, Nicômaco, era médico do rei Amintas, por isso Aristóteles obteve circunstâncias favoráveis para seus estudos. Com 17 anos de idade foi para a Academia de Platão em Atenas, lá permaneceu por 20 anos, primeiramente como discípulo e depois como professor, até a morte do mestre em 347 a.C. Foi responsável pela educação de Alexandre por dois anos, quando seu pai, o rei Felipe II foi assassinado e o jovem Alexandre teve que assumir o trono, em 336 a.C., com apenas 20 anos. Auxiliado por Alexandre, Aristóteles fundou o Liceu (cerca de 334 a.C.) no ginásio do templo de Apolo Liceu (Liceu é referência ao local do templo). Onde criou escola própria no ginásio Apolo Liceu. Transformou sua escola um centro de adiantados estudos, em que os mestres se distribuíam por especialidades, inclusive em ciências positivas. Com a morte de Alexandre em

323 a.C., a situação se tornou difícil para Aristóteles. O sacerdote Eurimedote, o acusava de impiedade então, Aristóteles retirou-se de Atenas, deixando o Liceu sob a direção de Teofrasto. Foi para sua propriedade em Cálcis, de Eubea, onde faleceu aos 62 anos. Suas principais obras foram: *Ética* e *Nicômano*, *Política*, *Organon*, *Retórica das Paixões*, *A poética clássica*, *Metafísica*, *De anima (Da alma)*, *O homem de gênio e a melancolia*, *Magna Moralia (Grande Moral)*, *Ética a Eudemo*, *Física*, *Sobre o Céu*. (PUC-SP: 2013, online).

Segundo Aristóteles, a amizade é uma forma de excelência moral, é nobre e necessária à vida, sendo benéfica tanto aos ricos como aos pobres, tanto aos jovens como aos velhos e, além disso, serve para manter unidos os Estados, uma vez que os legisladores buscam acima de tudo a unanimidade, que tem pontos de semelhança com a amizade. Com a amizade, não há necessidade de se preocupar com a justiça, uma vez que com ela não se age com injustiça, destarte, a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade. Amizade superior à justiça, pois a produz (ARISTÓTELES: 1991, p. 153).

Para o pensador, a amizade está relacionada ao amor e como existem três formas de amor, logo, existem três formas diferentes de amizade. Alguns amam por causa da utilidade, outros por causa do prazer, mas nestes dois casos as amizades se dão de maneira “acidental” e se desfazem facilmente, já que são de motivação egoísta (buscam interesses próprios). A amizade perfeita e capaz de perdurar é aquela dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente o bem concomitantemente. Somente a amizade que é motivada pelo bem é duradoura (ARISTÓTELES: 1991, p. 155-9).

A única amizade que permanece é abalizada na virtude do bem: “a amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos” (ARISTÓTELES: 1991, p.155-9). Este tipo de amizade pressupõe igualdade e semelhança, em especial no que se refere à excelência moral e “nela cada um recebe de cada um a todos os respeitos o mesmo que dá, ou algo de semelhante; e é exatamente isso o que deve acontecer entre amigos” (ARISTÓTELES: 1991, p. 162).

As relações amigáveis procedem das relações de um homem para consigo mesmo e na verdadeira amizade, fundamentada no caráter das pessoas, não se deve buscar vantagens desta relação, pois “a pessoa superior deve obter mais honrarias e a inferior mais proveitos” (ARISTÓTELES: 1991, p. 171-3). Para Aristóteles, o extremo da amizade é comparado ao amor que sentimos por nós mesmos e “amar-se assemelha-se à atividade e ser amado assemelha à passividade; amar e ter as varias formas de sentimentos amistosos são atributos das pessoas mais ativas” (ARISTÓTELES: 1991, p. 182).

Até o homem feliz necessita de amigos, até mesmo porque precisa conviver com outras pessoas e para Aristóteles a convivência é natural e a felicidade reside em viver e em estar em atividade (ARISTÓTELES: 1991, p. 185-6). Destarte, na concepção aristotélica, a amizade é virtude necessária e indispensável à vida.

Nota-se que para Aristóteles a amizade verdadeira implica virtude e é extremamente necessária à vida. Esta espécie de amizade verdadeira, com base na virtude, é rara; diferentemente da amizade pelo prazer ou pelo interesse utilitário que podem ser abundantes, todavia são efêmeras. As pessoas que se unem pela virtude são boas e almejam o bem uma da outra e este laço de amizade durará, em Aristóteles há uma correlação entre ética e amizade. De maneira parecida, o pensador Montaigne escreveu acerca da amizade verdadeira como benéfica ao homem.

Michel Eyquem de Montaigne foi um humanista e filósofo francês que viveu de 1533 a 1592. Nascido em família abastada, Montaigne recebeu formação esmerada, sólida e erudita, aos seis anos de idade seus conhecimentos de latim já causavam admiração. Estudou Direito, foi magistrado, membro do Parlamento e prefeito de Bordéus por duas vezes. Casou-se aos 32 anos com Françoise de la Chassaigne. Tiveram seis filhas, mas somente uma sobreviveu. Montaigne sofria de calculose biliar e faleceu aos 59 anos de idade, sem recorrer aos médicos. Sua única obra foi os Ensaios, dívida em três volumes (1580 e 1588). Em 1595 foi publicada uma edição póstuma destes três livros com novos acréscimos. (REZENDE: 2009, online).

A exemplo de Aristóteles, para Montaigne a amizade verdadeira não serve à satisfação de interesses individuais. Na opinião de Montaigne, na amizade verdadeira, prioriza-se o bem do outro. Para o autor a amizade é o mais alto ponto de perfeição da sociedade e é natural ao homem a necessidade de cultivar laços de amizade. Da mesma maneira que Aristóteles, Montaigne afirma que os laços de amizade fundamentos em interesses pessoais não se referem à verdadeira amizade:

Em geral sentimentos a que damos o nome de amizade, nascidos da satisfação de nossos prazeres, das vantagens que usufruímos, ou de associações formadas em vista de interesses públicos ou privados, são menos belos, menos generosos, e participam tanto menos da amizade, a qual tem outras causas, visa a outros fins. Essas afeições que se classificavam outrora em quatro categorias, segundo fossem ditadas pela natureza, a sociedade, a hospitalidade ou as exigências dos sentidos, nem em conjunto nem isoladamente atingem o ideal (MONTAIGNE: 1972, p.178)

A amizade nutre-se de comunicação e deve incluir “a comunidade de interesses, a partilha dos bens, a pobreza de um como consequência da riqueza de outro, destemperam consideravelmente a união formal” Para o autor é a amizade eleva a alma e essencial ao espírito, em suas palavras: “amizade a que me refiro [...] as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação” (MONTAIGNE: 1972, p. 179-180).

Para o pensador, a amizade e cresce e se amplia do desejo que se tem dela e “quando se trata de amizade, nada intervém senão ela e ela unicamente”. Nas relações de amizade comuns, que não são genuínas e verdadeiras, se requer prudência, há desconfiança e não se tem solidez, mas na amizade verdadeira, as almas se unem, há afeição e solidez. Ademais, se confia mais no outro (no amigo) do que em si mesmo (MONTAIGNE: 1972, p. 171-182).

Na concepção de Montaigne, quando a amizade é verdadeira não se tem interesses de perdas ou ganhos, pois:

Entre amigos, unidos por esse nobre sentimento, os serviços e favores, elementos essenciais às outras amizades, não entram em linha de conta e isso porque as vontades intimamente fundidas são uma só vontade. Assim como a afeição que tenho por mim não se amplia com um serviço que preste a mim mesmo (embora os estóicos afirmem o contrário); assim como não sou grato a mim mesmo do serviço prestado por mim mesmo, assim também a união de tais amigos atinge tal perfeição que os leva a perder a idéia de se deverem alguma coisa, e odiar e rechaçar todas essas palavras que tendem a estabelecer uma divisão ou diferença, como o favor, obrigação, reconhecimento, pedido, agradecimento e outras [...] Se nessa amizade a que me refiro, um pudesse dar alguma coisa ao outro, o benfeitor é que seria o favorecido. Colocando ambos acima de tudo a felicidade de obsequiar o outro, quem dá a seu amigo a oportunidade de fazê-lo é quem se mostra mais generoso, pois lhe outorga a satisfação de realizar o que mais lhe apraz (MONTAIGNE: 1972, p. 184).

Não se trata da troca de favores, pois a verdadeira amizade é indivisível, pois um se entrega tão inteiramente ao outro que nada há espaço para divisão ou para outros laços de amizade. As amizades comuns se dividem “pode-se apreciar a beleza em certo amigo, e noutro o bom gênio. Num a liberalidade, noutro o modo por que se conduz como pai, e em outro ainda sua afeição fraternal, etc”. (MONTAIGNE: 1972, p. 185). Todavia, na amizade verdadeira:

Mas essa amizade que nos enche a alma e a domina não pode subdividir-se. Se temos dois amigos e ambos ao mesmo tempo pedem socorro, a quem acudiremos? Se solicitam favores antagônicos, qual deles atenderemos? Se um nos exige silêncio acerca de alguma coisa que

interessa ao outro, que faremos? Com um amigo único que ocupe em nossa vida lugar preponderante estamos desobrigados de tudo. O segredo que jurei não comunicar a ninguém, posso, sem ser perjuro, comunicá-lo a quem não é outro senão eu mesmo. Já é grande milagre dobrar-se assim. Os que falam de triplicar-se não lhe percebem a grandeza (MONTAIGNE: 1972, p. 185).

Tanto que a amizade comum, baseada em relações superficiais, é facilmente estabelecida, mas a genuína não, pois requer confiança, solidez, sendo necessário que “tudo seja límpido e ofereça segurança total. No que concerne às ligações que se sustentam por um só ponto, basta atentar para o que é suscetível de comprometer a solidez desse ponto”. A amizade verdadeira transpõe inclusive os preceitos dos filósofos, se trata de uma ligação de almas (MONTAIGNE: 1972, p. 186).

Nota-se, diante do exposto que tanto Aristóteles como Montaigne acreditam que a amizade verdadeira/genuína existe, ambos reconhecem que é difícil edificá-la, pois trata-se da amizade virtuosa, aquela da alma, dos homens bons, fundamentada em sentimentos genuínos, sólida e capaz de durar. Tal conceito de amizade se contrapõe ao que é defendido por Schopenhauer, que desacredita na possibilidade de existir uma relação de amizade verdadeira.

Conclusões

Foi possível estabelecer a contraposição entre o conceito de amizade de Schopenhauer e o de Aristóteles e Montaigne. Para Schopenhauer, a amizade verdadeira exigiria uma participação intensa e desinteressada, mas o egoísmo próprio da natureza humana impossibilita tal sentimento. Na concepção deste pensador, a amizade verdadeira seria como uma fábula, ou seja, simplesmente não existe. Já para Aristóteles, a amizade verdadeira e genuína existe, apesar de rara. É um sentimento próprio dos homens bons e é uma questão de virtude. De maneira semelhante, Montaigne defende que a amizade verdadeira é possível, apesar de difícil de ser encontrada, ela ocorre com a união das almas.

Ao analisarmos os conceitos dos referidos filósofos podemos observar uma discordância irreductível e irreconciliável a qual pode-se estender à grande parte do discurso filosófico. Dada a fonte subjetiva de todo pensamento sistêmico que se pretende como verdade definitiva, todo o perspectivismo filosófico pode ser tomado como convicção pessoal. Diante de tal desacordo entre as filosofias, sempre lógicas e coerentes entre si, optar por um determinado sistema é uma tarefa árdua, já que são, em boa medida, opostos, contraditórios e excludentes. Torna-se complicado atribuir valor objetivo e

universal a elas, principalmente quando seu objeto de estudo é de ordem metafísica e extrapolam os limites do razão humana (saber científico).

Neste artigo, nota-se que o conceito da amizade genuína é definido pelos filósofos a partir de generalizações que são arbitrariamente universalizadas de maneira dogmática para fundamentar seus conceitos sobre a amizade. Destarte, faz-se necessário a distinção entre o conhecer verdadeiro e o que podemos chamar de doxa, entendido como convicção pessoal.

Não se trata de cair em um relativismo que não raramente descambaria num utilitarismo, mas sim em conceber os diferentes aspectos contraditórios e opostos sobre a amizade e, conjuntamente como nossa própria experiência subjetiva, buscar estabelecer a melhor forma de compreender o conceito, pois não existe uma fórmula pronta, que nos é dada. Devemos deliberar acerca de cada situação que a nos se apresenta e decidir.

Ao passo que Schopenhauer defende a impossibilidade da existência da amizade, incentivando, inclusive, que se evite a convivência social, Aristóteles e Montaigne caminham na direção oposta, pregando que a amizade é necessária e benéfica ao homem, relacionando-a à virtude e ao bem.

Assim sendo, percebe-se que não existe um conceito pronto e definitivo, então há a necessidade de nos debruçarmos sobre cada relação que por fim pode ou não resultar num laço de amizade genuína.

Referências Bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco; Poética / Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Dicionário da Língua Portuguesa. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

MONTAIGNE, Michel. Ensaio. 1ª. Edição. Coleção Os Pensadores. Volume XI. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial. Porto Alegre: Globo S/A, 1972.

L&PM EDITORES. Vida e Obra: Arthur Schopenhauer. Disponível em: >http://www.lpmeditores.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=706094>. Acesso em 20/04/2013

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aristóteles – Biografia. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/biografia.html>> . Acesso em 05/05/2013.

REZENDE, Joffre M de. O que Montaigne pensava dos Médicos e da Medicina da sua época.

Disponível em: <<http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/Montaigne.htm>>. Acesso em 10/05/2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. Aforismos para a Sabedoria de Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2002.